

Bem-estar é mais que gestação coletiva, sustenta consultor do Mapa

Bem-estar animal ainda gera dúvidas em agroindústrias; tema vai muito além de nutrição de matrizes suínas gestantes

Garantir melhor conforto e qualidade de vida aos animais na produção é um tema que há tempos vem sendo bastante discutido por todos os envolvidos na cadeia produtiva. Garantir o bem-estar animal é uma forma do produtor ter melhores resultados zootécnicos, de produção e financeiros. Para explicar mais sobre o assunto, o que vem sendo exigido e o que o produtor pode fazer, o médico veterinário doutor e consultor do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Cleandro Pazinato Dias, fala sobre o “bem-estar animal nas agroindústrias: os desafios vão muito mais além que uma máquina de alimentação na gestação” durante o Simpósio Brasil Sul de Suinocultura (SBSS) que acontece em Chapecó, SC.

De acordo com o profissional, é preciso trabalhar e se dedicar na questão do bem-estar animal devido à importância mundial que este fator tem na produção mundial. “Existe muita

crítica porque quando começamos a falar de bem-estar animal, o pensamento logo remete à gestação coletiva e já imaginam a máquina de alimentação. Porém, o bem-estar vai muito além disso”, comenta. Segundo Dias, é importante que as agroindústrias estejam atentas e trabalhem este aspecto, envolvendo desde a produção, transporte até o abate. “É uma necessidade, já que as agroindústrias brasileiras estão inseridas no mercado mundial, e o Brasil exporta carne para mais de 70 países. Então, é preciso trabalhar este ponto”, diz.

Um item importante quando se pensa em bem-estar animal é quanto à gestação coletiva, informa Dias, principalmente porque envolve um grande custo, pela necessidade de que é preciso transformar a granja ou mudar o projeto. “Por isso, quando falamos em bem-estar animal a gestação é sempre lembrada, porque tem um alto custo envolvido”, conta. Ele comenta que se fosse algo que pudesse ser resolvido com um

curso ou capacitação seria mais fácil. “Mas é como reformar uma casa. O produtor está na dúvida de como se adequar ao que está sendo pedido”, afirma.

Além do aspecto econômico, a gestação envolve ainda o lado tecnológico, que tem chamado a atenção de muitos agentes envolvidos na cadeia produtiva, explica o médico veterinário. “O principal que tem chamado atenção é a suplementação eletrônica, que é uma máquina que muitas pessoas acham cara ou que está fora do contexto. Mas não é apenas isso, envolve muito mais coisas”, diz. O profissional destaca que há ainda outras tantas coisas dentro de uma granja que podem ser feitas para melhorar o bem-estar, como a capacitação de pessoas. “Isso, principalmente, para quem trabalha com os animais entenderem que ele tem sentimento, dor, sofre de angústia, medo, por isso deve ser tratado bem, porque também é um ser vivo”, explica.



Stalosan® F

O PÓ QUE HIGIENIZA TODA A INSTALAÇÃO

A solução para o ambiente e bem-estar do plantel

Stalosan® F higieniza o ambiente tornando-o mais confortável, limpo e seguro. Tudo isso gera um impacto positivo na saúde, no desempenho e no bem-estar dos animais.



Para saber mais, acesse o site ou use o QR CODE: stalosan.com

ORIGINAL DA
EUROPA
AGORA NO
BRASIL





Arquivo/OP Rural



CASTRAÇÃO, DENTES, CAUDA E ORELHAS

O produtor deve se atentar a todos os setores quando o assunto é bem-estar. “Na maternidade, por exemplo, existe a questão de procedimentos dolorosos que ainda são feitos, mas podem ser evitados, como a castração sem anestesia, cortar a calda, gastar o dente. São coisas que muitas vezes não há necessidade, mas algumas granjas continuam fazendo”, comenta. O médico veterinário diz que estas são práticas de manejo regulares, mas elas estão sendo questionadas. “Você usa os três S da ciência. Aquilo que você pode deixar de fazer, aquilo que você pode fazer em parte dos animais, mas não em todos, e algumas coisas que você pode fazer para causar menos dor e sofrimento no animal”, conta.

Segundo ele, algumas práticas que podem ser evitadas são a castração cirúrgica, o desgaste dos dentes, o corte das orelhas e da cauda, este último, em algumas circunstâncias. “O corte da cauda é o mais complexo de se abandonar, porque também não podemos tapar o sol com a peneira, falar para as pessoas pararem de fazer e depois acabar criando outros problemas. O princípio é você mudar um pouco o que é feito para que o animal não sinta dor”, explica. →



Arquivo Pessoal

**Médico veterinário
doutor Cleandro Pazinato
Dias: “Quando falamos
em bem-estar animal
a gestação é sempre
lembrada, porque tem um
alto custo envolvido”**



Mais segurança e praticidade

Stalosan® F é um pó higienizante 100% mineral para a limpeza de instalações.

- ✪ Pronto para o uso.
- ✪ Seguro para os animais.
- ✪ Não causa irritação em pele ou mucosas.



Controla a
umidade e melhora
maus odores.



Regula a
concentração de
amônia.



Diminui
os gases
nocivos.





BEM-ESTAR ANIMAL NAS AGRO- INDÚSTRIAS

MISTURA DE LOTES

O médico veterinário alerta que é preciso que o suinocultor se atente quanto às misturas de lotes. “Elas devem se restringir ao mínimo necessário. Não tem como você produzir sem misturar, mas é preciso fazer isso de uma maneira mais programada”, afirma. Ele diz que em muitas granjas, uma prática comum é o pessoal fazer misturas com animais na creche, com pouco mais de 20 dias de idade, e no meio da creche misturar novamente, para deixar aqueles com o tamanho e peso mais próximos juntos. “No início alguns animais vão comer mais e outros menos, alguns vão crescer mais e outros menos. Isso acontece em decorrência da adaptação deles com o ambiente, alimentação, etc. Assim, acontece deles ficarem desuniformes, e em baias de 30 animais, as vezes tem um ou outro que fica menor”, afirma.

De acordo com Dias, o que também se observa é que na creche, que dura entre 6 e 7 semanas, os funcionários da granja mexem novamente em todos os animais. “Não tem necessidade disso. Se é possível deixar os animais e mexer somente quando forem para a engorda ou terminação, melhor. Dessa forma, você mexe uma única vez”, afirma. Ele comenta que aqueles animais que são menores

não vão deixar de viver na granja. “Eles serão menores, mas não vão sofrer. Desde que tenha espaço em comedouro e bebedouro, metragem adequada da baia, que não haja escassez de recursos, eles não vão ter dificuldades em permanecer, porque não são animais doentes ou que são difíceis de acompanhar. São somente menores”, comenta. O mesmo pensamento é feito com os maiores.

O médico veterinário afirma que as misturas devem ser feitas no início de uma fase ou final, mas o ideal é não fazer. “Ou, o que o suinocultor pode fazer é deixar algumas baias vazias e depois só tirar aqueles animais que são menores”, diz. Dessa forma, há outras práticas de manejo que podem ser feitas para reduzir essa mistura e remistura. “Porque sempre que você misturar animais, eles vão acabar brigando e vai gerar estresse. Então, quanto menos mexer, melhor”, reafirma.

Dias cita que o processo de trabalho deve ser definido desde o início. “Ali você pode reduzir, quem sabe, na vida de um leitão uma ou duas reagrupadas, o que pode significar na vida desse animal três, quatro ou cinco dias a menos de briga na vida dele. Isso impacta também na parte produtiva e econômica na propriedade”, afirma.

Para o médico veterinário, o Brasil está caminhando no sentido de atender aos quesitos de bem-estar animal. São basicamente quatro grupos

que existem nesse sentido: os que já estão trabalhando; aqueles que estão fazendo as mudanças, mesmo sem entender o motivo; os que ainda estão tentando entender como trabalhar; e o quarto grupo daqueles que são céticos e não estão seguindo o caminho do bem-estar animal.

“Tem o movimento de algumas empresas que estão bem à frente, que estão buscando informação e já têm um programa de bem-estar animal, que já estão fazendo seus próprios experimentos internos e avaliações, criando soluções de como fazer”, conta Dias. Há ainda um outro grupo de empresas interessadas no tema, que praticam um item ou outro das recomendações de bem-estar, que até mudam sem saber porque, mas estão mudando para melhorar. “Não significa que é uma mudança diretamente pensada no bem-estar, mas tem as mudanças que são da própria evolução da suinocultura que vão acontecendo e as empresas vão evoluindo”, explica.

Há ainda o terceiro grupo, informa Dias, formado por empresas que estão tentando entender o que é o bem-estar animal, o que está acontecendo. E o quarto grupo, que são aqueles que são céticos e resistentes sobre o assunto. “Estas são uma minoria”, afirma o médico veterinário.

Para ele, o Brasil está em um bom caminho, porque o país está fazendo mudanças no sentido de bem-estar olhando para a produção, no sentido de não perder produtividade e desempenho. “Estamos indo por aqueles itens que são mais tranquilos de fazer, pouco a pouco, sem uma obrigatoriedade legal de fazer”, comenta. Embora já exista uma proposta de legislação. “Isso vai mexer bastante com as pessoas que estão no terceiro e quarto grupo. Não vai afetar tanto o primeiro e o segundo, mas os dois últimos, que são mais retardatários, serão mais afetados”, conta.

O profissional informa que as pessoas ainda estão com bastantes dúvida do que fazer para atender aos quesitos de bem-estar. “Na medida que temos um documento que informa como deve ser feito, vai ficar muito mais fácil, inclusive para as próprias empresas e agroindústrias. Então, vai ser muito mais fácil para o técnico de fomento, o diretor, entre outros que estão coordenando, passar as diretrizes da empresa nesse sentido. Será um guia do que fazer”, sustenta. **OPR**

MATRIZES GESTANTES

Algo comum em todas as granjas, segundo Dias, é que as matrizes gestantes passam fome. “Mas é uma fome crônica. Não do tipo que o animal ficará em desespero, um dia sem comer. Ela vai comer todos os dias, no mínimo uma vez. Mas a quantidade que ela recebe é inferior àquela que comeria se estivesse à vontade”, explica. Ele conta que é preciso que o animal tenha um escore corporal adequado para continuar produzindo bem. “Se ele engordar, vai perder produtividade. Além de perder a produtividade, se a matriz estiver obesa também é um problema de bem-estar. Se estiver gorda demais, não vai estar bem”, afirma. O mesmo acontece com restrição demais, explica Dias. “Se elas ficarem magras demais, também é um problema”, afirma.

De acordo com o médico veterinário, o que pode ser feito é trabalhar com dietas ricas em fibras. “Você aumenta a quantidade de fibra, que vai ser menos digestível ao animal, e assim

vai ocupar o estômago e intestino e ele vai ter a sensação de saciedade e preenchimento, e não ter aquela fome exacerbada, porém continuará comendo a mesma quantidade de nutrientes”, informa. Porém, com isso é necessário mudar a forma da ração e ter que trabalhar com um conteúdo mais alto em fibras, o que, de acordo com Dias, é uma dificuldade. “Isso porque no Brasil não há muitas opções de matérias-primas, o que faz com que encareça as dietas. E não é somente aqui, é no mundo inteiro”, conta.

Dias explica que este é um tema relacionado ao bem-estar que é bastante polêmico, isso porque impacta diretamente na questão econômica. “É um assunto bastante complexo. A solução para esse problema da fome crônica é bem complexa, não é simples ou algo fácil. Utilizar as fibras para evitar que a matriz passe fome é o ideal, mas sabemos que é um grande desafio para quem está trabalhando”, explica.